

# **AS DIFICULDADES DO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO CONTEXTO PÓS PANDÊMICO: um estudo bibliográfico.**

**Leidiane dos Anjos Gaspar<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

Um dos maiores desafios no contexto escolar está diretamente relacionado com as dificuldades de leitura e escrita, principalmente nos anos iniciais. Este desafio, que sempre esteve em evidência, após o período da Pandemia do Covid-19 ficou mais acentuado devido às circunstâncias de aulas remotas com grande precariedade, assim como a falta de preparo das unidades escolares para utilizar as ferramentas tecnológicas durante o processo de alfabetização. O objetivo desta pesquisa é discutir acerca das dificuldades enfrentadas pelos docentes para dar continuidade no ensino de leitura e escrita no contexto pós-pandêmico frente a todas as limitações humanas e psicológicas ocasionadas no contexto mundial devido ao isolamento social. Tal discussão será realizada por meio da contextualização do processo de alfabetização e do resgate bibliográfico de 3 (três) estudos concernentes com o tema, nos quais será possível visualizar o ponto de vista de autores distintos acerca dos impactos causados no ensino da leitura e escrita pós-pandemia.

**Palavras-chave:** Dificuldades; Aprendizagem; Leitura; Escrita; Pandemia.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará - Campus

## ABSTRACT

One of the biggest challenges for the school context is directly related to reading and writing difficulties, especially in the early years, this challenge has always been in evidence and after the Covid-19 Pandemic period it became more accentuated due to the circumstances of remote classes with great precariousness, as well as the lack of preparation of school units to use technological tools during the literacy process. The objective of this research is to discuss the difficulties faced by teachers in continuing to teach reading and writing in the post-pandemic context, given all the human and psychological limitations caused in the global context due to social isolation. bibliographic study of 4 (four) studies concerning the topic, in which it will be possible to visualize the point of view of different authors about the impacts caused in the teaching of reading and writing post-pandemic.

**Keywords:** Difficulties; Learning; Reading; Writing; Pandemic.

## INTRODUÇÃO

O ato de educar é um processo complexo, no qual são envolvidas várias etapas que abrangem tanto a participação do professor como do aluno. Ambos os agentes devem trabalhar em parceria, visando um objetivo maior que é efetivar a capacidade de aprender e ressignificar o que é aprendido no cotidiano dentro da escola.

Durante o desenvolvimento dessas etapas, surgem obstáculos que servirão de aprendizagem mútua, bem como de incentivo para buscar novas metodologias que possibilitarão ao professor melhor auxiliar o aluno em seu desenvolvimento. Nos anos iniciais um dos grandes problemas que surge são as dificuldades em relação à aprendizagem da leitura e da escrita, problema este que necessita de solução imediata, caso contrário, implicará em uma formação precária do aprendiz.

Os anos iniciais do Ensino Fundamental são imprescindíveis na formação da base de aprendizagem do educando. É durante esses anos, prioritariamente, que o aluno desenvolverá sua capacidade de apreensão e compreensão das estruturas linguísticas e discursivas, ou seja, leitura e escrita da língua portuguesa. Alguns fatores, uns internos e outros externos influenciam para que o processo de alfabetização, em alguns casos, seja tardio. Dentre esses fatores podemos citar comprometimentos linguísticos, cognitivos e emocionais – levando em consideração a desestruturação familiar, ponto importante que ocasiona na maioria das vezes a falta do apoio necessário ao aluno e, por conseguinte, sua desmotivação e fracasso escolar – acarretando penalizações aos alunos e angústia para os professores (Souza, 2016).

Logo, devido às dificuldades apresentadas na aprendizagem da leitura e escrita, os alunos são levados ao sentimento de fracasso e em muitos casos até mesmo à evasão escolar, visto que, quando o problema da leitura e escrita não é sanado nos anos iniciais, vai aumentando com o passar do tempo e se tornando mais crítico.

Todas estas dificuldades ganharam evidência maior após março de 2020, período em que foi deflagrada a Pandemia do Covid-19 no Brasil, que obrigou a sociedade em geral viver em isolamento social e cujas consequências são vivenciadas hoje no contexto escolar, deixando ainda mais clara a relevante necessidade de profissionais docentes capacitados para utilizar novas metodologias ativas para dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita.

O presente estudo nos traz um contexto pós-pandêmico, onde o ensino de leitura e escrita teve que se adaptar a uma nova realidade, nunca antes vivenciadas por professores e alunos. Naquele momento, a realidade era estudar de forma remota, pois era preciso manter o distanciamento social, uma das exigências feitas pela OMS, (Organização Mundial De Saúde). Por esse motivo foi apresentado aos professores o Ensino Remoto Emergencial.

De acordo com a publicação online do CEFET-MG (2021) o Ensino Remoto Emergencial (ERE) é aquele que busca minimizar as consequências causadas pela necessidade de isolamento social nos processos de ensino e aprendizagem através de metodologias didáticas e pedagógicas. Dessa forma, entende-se que o ERE se diferencia da EaD (Educação a Distância), justamente por seu caráter de excepcionalidade, onde, assim que possível e dentro das limitações, o ensino presencial seria retomado (Santos; Godoy, 2022). Tal estratégia, causou estranhamento tanto para professores como para alunos, pois nem todos tinham um suporte adequado para o desempenho de suas atividades e diversas dificuldades surgiram; cada aluno vivia em condições sociais diferentes: por um lado aqueles alunos que tinham suporte para estudar e aqueles que eram de baixa renda e não possuíam equipamentos digitais ou nem mesmo internet em suas residências. Essa nova realidade aprofundou, então, as desigualdades, já existentes, nas oportunidades de aprendizagem.

Tento em vista o exposto nos parágrafos anteriores, este estudo tem como objetivo analisar quais os impactos causados pelo ERE ao processo de alfabetização dos alunos durante o momento de distanciamento social, condicionado pela pandemia mundial e, ainda, quais foram os desafios mais citados pelos professores e quais estratégias apresentaram melhores resultados para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

Para tanto, e como critério da seleção de textos para esta pesquisa, optou-se por um recorte bibliográfico no banco de dados da Biblioteca SciELO, por contar com um consolidado sistema de critérios para a publicação em seus periódicos, o que nos proporciona um maior rigor acadêmico.

Por fim, este estudo se divide em quatro partes: 1. como entendemos alfabetização; 2 quais as principais dificuldades de aprendizagem; 3 as dificuldades do ensino de leitura e escrita no contexto pós pandêmico e 4 a discussões acerca das consequências do ensino emergencial.

## 1. O QUE É ALFABETIZAR?

O ato de educar é um processo gradual, no qual a necessidade de compreensão e ressignificação do que é aprendido facilita na aquisição do conhecimento. Uma criança antes mesmo de ser matriculada em uma escola já possui seus primeiros contatos com a alfabetização no ambiente familiar. Mesmo que de forma primitiva, os pais a ensinam a decifrar as primeiras letras e fazer as primeiras assimilações.

A comunicação é inerente ao ser humano, por isso, na Antiguidade, quando surgiram as primeiras formas de expressão através de gestos e imagens, o homem possui a necessidade de criar um código escrito, do qual fez uso para exprimir seus anseios. A partir deste marco surgiu a alfabetização, método pelo qual fez o homem se apropriar da leitura e da escrita.

Nesse sentido, Cagliari (1998, p. 14) afirma que:

De acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números, era preciso inventar os símbolos para os produtos e para os proprietários.

A partir do surgimento da escrita, houve a necessidade da leitura, da decifração de códigos criados pelo homem para perpetuar o conhecimento. Cagliari (1998, p. 15) confirma que:

Na antiguidade, os alunos alfabetizavam-se aprendendo a ler algo já escrito e depois copiado. Começavam com palavras e depois passavam para textos famosos, que eram estudados exaustivamente. Finalmente, passavam a escrever seus próprios textos. O trabalho de leitura e cópia era o segredo da alfabetização.

Durante os anos anteriores à década de 90, alfabetizar era sinônimo de pressões e constrangimentos devido aos métodos polêmicos que eram utilizados pelos professores, muitos até associados a agressões físicas ou a castigos nos quais havia a exposição indevida das dificuldades que os alunos tinham para aprender a ler e escrever. No entanto, após os anos 90, mudanças significativas ocorreram no que diz respeito às metodologias de alfabetização. Depois desse período, associou-se a este conceito o fenômeno de letramento, e com isso, passou a ser preconizada a significação da leitura e escrita e não apenas a decodificação de símbolos, dos quais os alunos realizavam uma leitura isolada e incoerente.

O tema alfabetização é abordado por diversos autores que traçam conceitos diferenciados entre si. Para Val (2006, p. 19), por exemplo

[...] pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita.

Já para Perez (2002, p. 66),

A alfabetização é um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola paralelamente à escola.

Dentro do ambiente escolar, o primeiro contato da criança com a alfabetização acontece na educação infantil. Neste momento, começa a ser apresentado ao aluno o alfabeto e suas representações, as noções de sílabas e assim, as primeiras palavras, mas são nas séries iniciais do Ensino Fundamental que esse trabalho passa a ser potencializado com o intuito de preparar a base do aluno.

Sabemos que a leitura e a escrita possuem uma grande relevância na vida de qualquer indivíduo, pois socialmente falando, é após ser totalmente alfabetizado que determinada pessoa é vista de uma forma diferente dentro da sociedade. A escola prepara seu aluno através de práticas pedagógicas culturais e históricas, para que ele possa evoluir diante de um cenário crítico.

Através da linguagem conseguimos nos entender e compreender tudo o que acontece à nossa volta. É pertinente ressaltar que essa comunicação ocorre por meio de gêneros, isto é, a qualquer momento em que nos comunicamos, o fazemos por meio de gêneros e nosso propósito comunicativo define o gênero apropriado para cada uso, porque o reconhecemos, quando temos experiências socioculturais anteriores com essas linguagens (Bakhtin, 2003)

Partindo dessas primeiras considerações já é possível ratificar que o ato de alfabetizar não só ocupa um lugar de destaque no processo educacional, como é a sua base. Quando bem realizada, esta base prepara o aluno com menos dificuldades, com o número de limitações mínimas e capaz de assimilar conhecimento de forma mais rápida, como afirma Barbosa:

Saber ler e escrever possibilita o sujeito do seu próprio conhecimento, pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento (Barbosa, 2013, p.19)

Segundo a autora, é possível afirmar que a partir do momento em que o aluno sabe ler e escrever torna-se autossuficiente para a maioria das atividades executadas em sala de aula e fora dela. O aluno que sabe ler e escrever consegue se expressar com mais eficácia em todas as disciplinas, alimenta sua criticidade e sua capacidade de interpretação de signos verbais e não verbais.

Um fator importante e primordial para a discussão que vem a seguir é que a criança, para se alfabetizar, terá que interagir com outras pessoas, ter contato com muitos textos de diferentes gêneros disponíveis na sociedade e, principalmente, produzir seus próprios textos. Na medida em que a alfabetização recebe novos entendimentos e novas dimensões, principalmente quando é compreendida como um conhecimento importante para a sociedade e, também para a inserção da criança nesta sociedade, se exige uma escola mais comprometida com este entendimento, o que implica em práticas adequadas e de profissionais preparados/engajados para dar conta desta aprendizagem. (Soares, 2001).

O letramento vai além da simples capacidade de ler e escrever, englobando o uso eficaz da linguagem escrita em diferentes contextos sociais, culturais e políticos. Uma pessoa letrada não apenas domina habilidades básicas de leitura e escrita, mas também interpreta textos, compreende informações complexas, avalia criticamente o que lê e utiliza a escrita de forma eficaz para se comunicar e participar ativamente na sociedade.

Como já foi exposto anteriormente, a partir da década de 90 o conceito de letramento foi associado ao de alfabetização, portanto eles não podem ser trabalhados de forma indiscriminada, dissociadas, um é a complementação do outro, podemos entender dessa forma:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (Soares, 2001, p. 47).

Os conceitos defendidos por Magda Soares (2001) explicitam de forma ímpar o que realmente é preconizado para um aluno que chega ao 3º ano do ensino fundamental, qual seja, utilizar as práticas sociais da leitura e escrita; conseguir ler e interpretar de forma coerente um texto em prosa, bem como um rótulo de um produto no supermercado; conseguir entender o conteúdo crítico de uma charge, assim como iniciar a leitura de seus primeiros clássicos infantis.

Quando falamos em uma criança alfabetizada de fato, falamos em um aluno que consegue transitar por diferentes gêneros textuais sem desconforto, não aquele aluno que cada vez mais tem se tornado público massificado nas escolas: o aluno analfabeto funcional, isto é, que conhece parcialmente o alfabeto, as sílabas e até mesmo algumas palavras, porém não sabe contextualizá-las. Assim como na época da escrita primitiva, é metaforicamente ter as ferramentas adequadas nas mãos e não saber como usá-las, tornando-se desta forma inutilizadas.

Ainda conforme Soares (2001, p. 92), a habilidade de um aluno alfabetizado

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever: atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor [...]

A alfabetização nessa perspectiva torna-se papel de toda escola, não somente do professor, com a participação da família, da comunidade, de um processo coletivo, no qual todos assumam o compromisso efetivo de não permitir que o aluno saia da escola sem o conhecimento necessário para ser inserido numa sociedade intrinsecamente linguística.

## **2 . DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

A escola possui diversas funções, dentre elas podemos destacar a função social, a qual deve desenvolver os indivíduos a tornarem-se capazes de agir e dessa maneira construir seu próprio conhecimento, desenvolvendo na prática o que foi aprendido dentro de sala de aula. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental a escola é incumbida de ensinar a leitura e a escrita para seus alunos, a fim de que estes

consigam externalizar suas expressões linguísticas através dos signos escritos, bem como capazes de compreender o mundo à sua volta através da leitura e compreensão de textos.

Piaget (2012, p. 30) diz que: “o ideal da educação não é ensinar o máximo, maximizar os resultados, mas é acima de tudo aprender a aprender, aprender a se desenvolver, e aprender a continuar a se desenvolver, mesmo após deixar a escola”. Ou seja, é de extrema importância que o professor consiga desenvolver com seus alunos metodologias que permitam a potencialização da aprendizagem dentro e fora da sala, para que quando essa criança visualizar as letras, as sílabas e as palavras escritas nos mais distintos tipos de texto consigam fazer a assimilação destes.

A visão evidenciada por Piaget está pautada no construtivismo, cujo foco está no aluno, para que ele possa mostrar sua posição como agente construtor do conhecimento, tendo autonomia suficiente para desenvolver a escrita e a leitura em diferentes contextos nos quais ele seja inserido.

Ainda é comum observarmos nas salas de aula métodos tradicionais que pura e simplesmente fazem a criança repetir por horas letras soltas, sem aplicação no contexto, ou seja, uma criança que apenas copia o que vê não conseguirá compreender os signos linguísticos que irá visualizar em outras situações alheias à escola.

Segundo Ferreiro (2009, p.24), “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”, com isso verifica-se que é papel do professor adequar as informações recebidas ao nível de alfabetização em que o aluno está.

A partir de uma perspectiva do letramento, defendemos que o aprendizado da leitura e da escrita de textos pode ocorrer concomitantemente ao aprendizado da construção da palavra, da sílaba e do conhecimento fonológico, com atividades de análise, confronto e julgamentos de semelhança entre grafemas e fonemas.

Cada turma possui uma evolução e um nível diferente da outra, no primeiro momento o professor precisa verificar o desenvolvimento dos alunos, para dessa forma executar suas metodologias, que se misturam entre métodos tradicionais e práticas de letramento.

## *2.1 Dificuldades de Aprendizagem no Ensino de Leitura e Escrita*

Uma das maiores preocupações dos pais em relação aos filhos que estão nas séries iniciais é a aprendizagem correta da leitura e da escrita, pois compreendem que se os filhos não estiverem aptos a realizar com clareza essas duas funções, terão muitas dificuldades na escola e, conseqüentemente não apresentarão evoluções na aprendizagem. De acordo com a opinião de Ferreiro (2009), o processo de alfabetização ocorre bem antes de o aluno entrar em contato com os grafemas, a criança aprenderá mais rápido a partir do momento que entender o porquê usar tal palavra, qual sua importância e de que forma ele utilizará isso.

Nenhuma prática pedagógica é neutra, todas influenciam na aprendizagem da criança, cabe ao professor mediar qual será positiva e qual será negativa. No entanto o professor não pode transmitir aos seus alunos exclusivamente a sua visão. É necessário que sejam feitas adaptações entre suas concepções de letramento e a realidade dos seus alunos.

Como vimos, é necessário que o professor considere as escritas do ponto de vista construtivo, representando a evolução de cada criança, é preciso que haja uma reestruturação interna na escola com relação à alfabetização e às formas de alfabetizar.

De acordo com a teoria exposta no livro *Psicogênese da Língua Escrita*, escrito por Ferreiro e Teberosky (2015), toda criança passa por quatro fases distintas até que esteja totalmente alfabetizada.

Por isso, os estudiosos da alfabetização de crianças trabalham com as fases da escrita elaborados por Ferreiro e Teberosky (2015) que são: Pré-silábica; Silábica; Silábica-alfabética e Alfabética.

Na fase Pré-silábica, a criança não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada, ela expressa sua escrita através de desenhos, rabiscos e até letras usadas aleatoriamente.

Na Silábica, a criança interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma. Ela começa a relacionar a escrita das letras com o som da mesma percebendo sua correspondência, assim vai descobrindo a lógica da escrita.

Na fase Silábico-alfabética, mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas. É um período de transição onde a criança vai

testando, ora utiliza uma letra para cada sílaba, ora emprega corretamente os fonemas das palavras.

E na fase alfabética, ela domina, enfim, o valor das letras e sílabas e já consegue empregar adequadamente todos os fonemas da palavra e isso significa a possibilidade do uso correto da escrita convencional que empregamos normalmente. No desafio e nas características dos níveis no processo de alfabetização, as autoras colocam que, em cada nível, a criança elabora suposições a respeito dos processos de construção da leitura e escrita, com base na compreensão que possui desses processos.

No que se diz respeito à leitura e escrita, podemos citar dois principais transtornos identificados nos alunos dos anos iniciais: a dislexia e a disortografia. Por dislexia compreendemos como a dificuldade específica em compreender palavras escritas. Dessa forma, pode-se afirmar que se trata de um transtorno específico das habilidades de leitura, que sob nenhuma hipótese está relacionado à idade mental, problemas de acuidade visual ou baixo nível de escolaridade, os alunos que apresentam dislexia possuem várias dificuldades na leitura, na decodificação de grafemas e na soletração.

Já a disortografia consiste na dificuldade que o aluno possui de compor textos escritos, enfatizado principalmente pela sucessão de erros na grafia das palavras, pontuação das frases, má organização dos parágrafos e até mesmo caligrafia ruim. Ou seja, é uma combinação de várias falhas que a criança apresenta certamente pela ausência de um embasamento linguístico adequado (Ferreiro, 1996).

Dentre os diversos motivos que contribuem para que o aluno apresente a disortografia podemos destacar:

- a) Alterações na linguagem: atraso na aquisição ou no desenvolvimento e utilização da linguagem, junto a um escasso nível verbal, com pobreza de vocabulário (código restrito), podem facilitar os erros de escrita;
- b) Erros na percepção, tanto visual como auditiva: fundamentalmente estão baseados numa dificuldade para memorizar os esquemas gráficos ou para discriminar qualitativamente os fonemas;
- c) Falhas de atenção: se esta é instável ou frágil, não permite que a criança, em sua fase inicial, promova uma fixação dos grafemas ou dos fonemas corretamente.

Para Ferreiro (2009), um bom desenvolvimento da alfabetização de qualquer criança parte do pressuposto que a convivência desta num ambiente onde os pais com um grau de instrução maior do que o dela incentivem sua progressão na leitura e na escrita, ou seja, além do contato que o aluno terá com os mais variados tipos de texto na escola, se caso o tiver em casa terá maior aproveitamento e evolução na alfabetização. Segundo a autora,

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (p.23)

Do mesmo modo que existem crianças que tem seus lares como propícios à alfabetização, têm aqueles em que a escola é o único lugar onde eles encontram um ambiente alfabetizador. Dessa forma, podemos afirmar que com a pandemia de Covid-19 existiram crianças que foram privadas de vivenciar esses espaços.

### **3. AS DIFICULDADES DO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO CONTEXTO PÓSPANDÊMICO**

No ano de 2019 ocorreu de forma surpreendente uma Pandemia causada pela disseminação sem controle do vírus SARS-Cov-2. Após esta deflagração, todas as nações passaram por adaptações em seu cotidiano tendo como obrigatório priorizar o isolamento social para resguardar suas vidas.

Se não podia haver circulação nas ruas, também não podia haver frequência nos ambientes escolares, modificando todo o cenário com o qual professores e alunos estavam acostumados diariamente. No Brasil, a paralisação social ocorreu a partir do dia 18 de março de 2020, decretado pelo Governo Federal para amenizar o contato entre as pessoas e, conseqüentemente, a disseminação do vírus. As escolas foram fechadas e o que se pensava que seria um período curto de tempo, estendeu-se até o fim de 2021, gerando conseqüências até os dias atuais.

Após a suspensão das aulas presenciais, a oferta educacional precisou passar por adaptações drásticas e emergenciais, nas quais Estados e Municípios, por meio de suas Secretarias de Educação, construíram planos de atendimento domiciliar às pressas, com aulas remotas para os alunos e de acordo com as especificidades de cada região.

É importante ressaltar que para este contexto não foi empregado a Educação à Distância – EAD, mas sim o Ensino Remoto Emergencial – ERE, que tem por objetivo dar continuidade às atividades pedagógicas de forma temporária, emergencial, para que as escolas não parassem por completo, já que não havia certeza do período que duraria tal regime.

Para tanto, o Ministério da Educação brasileira faz a seguinte conceituação:

O ensino remoto é uma medida extraordinária e temporária aprovada pelo MEC para que as instituições de ensino possam cumprir o cronograma de aulas presenciais em épocas normais, ou quando as circunstâncias impedirem a reunião dos alunos.

A EAD é um modelo de ensino remoto, mas de forma planejada, e não emergencial. Todo ou parte do curso é ministrado a distância, com o apoio de tutores e recursos como vídeo, questionários, pdfs e podcats. Inclui atividades síncronas e assíncronas. (MEC/BRASIL, 2020, p. 362)

Dessa forma, os profissionais da educação precisaram se reinventar, criar novas metodologias que pudessem repassar conhecimento para os alunos e, é claro, que o processo do ensino e leitura foi altamente prejudicado, uma vez que não havia o contato presencial entre professores e alunos, a relação de afetividade que interfere diretamente na aprendizagem como dito anteriormente.

Nesse contexto do ensino remoto, o chamado “novo normal”, muitas dificuldades interferiram no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, uma vez que, deixou-se de considerar o tempo síncrono, o tempo presente e as famílias em sua maioria não tinham a didática apropriada ou até mesmo o tempo/disponibilidade para ensinar os alunos. Além disso, como não dispunham de ferramentas tecnológicas, como no mínimo um celular, para assistir as aulas gravadas ou em tempo real, ou ainda entre famílias cujos pais eram analfabetos e/ou analfabetos digitais, se tornou ainda mais difícil a execução das atividades remotas. Todos esses fatores expostos acima fizeram com que os discentes não fossem envolvidos em um ambiente alfabetizador e com isso não receberam estímulos suficientes para buscar mais conhecimentos e, conseqüentemente, não foram alfabetizados plenamente. Frente a todas estas dificuldades, os alunos que cursavam os anos iniciais do ensino fundamental não tiveram acesso à aprendizagem da gramática normativa da Língua Portuguesa, o que reflete até os dias atuais nas escolas, visto que no ano de 2024 já temos alunos concluindo as etapas de 4º para 5º ano – e que logo estarão no fundamental II – sem a oportunidade de concluir a base educacional no formato presencial.

O reflexo negativo destas dificuldades pode ser verificado nos índices das avaliações de larga escala, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB pelo qual os alunos precisaram passar no ano de 2023, a fim de parametrizar a proficiência dos alunos de 5º e 9º anos em Língua Portuguesa e Matemática, já que nestas avaliações a interpretação de texto é o descritor mais trabalhado, logo sem leitura proficiente não há possibilidade de compreensão.

### *3.1 Contexto pós-pandêmico*

Se em uma perspectiva de futuro bem antes da Pandemia já era necessário inserir as tecnologias no contexto escolar, depois dela é imprescindível. A Escola precisará tornar atrativa e democrática a aula para um aluno que ficou afastado das salas de aula tradicionais, buscando, por meio da inovação, resultados eficientes aliados a uma prática construtiva centradas em aprender ativamente com problemas reais e desafios relevantes, sempre combinando tempos individuais e coletivos. (Bacich; Moran, 2022).

O atual contexto docente no período pós-pandemia necessita ser interposto de novas metodologias ativas a fim de recuperar os prejuízos causados no processo ensino-aprendizagem. De acordo com Bacich e Moran (2022), é necessário praticar a sala de aula invertida, na qual o aluno é o centro da produção de conhecimento, baseando a aprendizagem em investigações, problemas, em projetos, em linguagem inserido jogos (gamificação), com o intuito de tornar atrativo um ensino que enfrentou muitas dificuldades no período pandêmico.

## **4. DISCUSSÕES ACERCA DAS CONSEQUÊNCIAS DO ENSINO EMERGENCIAL**

Na construção de produções científicas pode-se utilizar metodologias distintas nas pesquisas. Dentre elas, a pesquisa bibliográfica é essencial para o desenvolvimento dos conhecimentos do autor, possibilitando assim a organização de fontes relevantes sobre o tema escolhido, realizando a compreensão de contextos históricos e teóricos, construindo assim uma fundamentação sólida para embasar a pesquisa. Portanto, a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (Gil, 2020).

Dessa forma optou-se por utilizar como fonte de dados a biblioteca virtual de revistas científicas brasileira em formato eletrônico na plataforma SciELO (Scientific Electronic Library Online), que é responsável por organizar e publicar artigos completos de revistas em formato digital e ainda constrói e publica indicadores do seu uso e impacto (Packer *et al*, 1998), podendo assim ser considerada uma fonte segura e revisada de informações.

Para obtenção das respostas aos objetivos propostos foram utilizadas as seguintes ferramentas de filtros dentro da plataforma: Coleções – Brasil e Idioma – Português. Não houve recorte de tempo, visto a atualidade do tema em questão. As palavras-chave utilizadas na busca foram: **Alfabetização**; **Covid-19** e **Pandemia**.

Para que os artigos pudessem ser analisados nessa pesquisa era necessário que fossem voltados para a alfabetização no período pandêmico. Sendo assim, dos seis resultados obtidos na primeira busca, apenas três estavam, de fato, associados ao tema pretendido. Selecionados os textos a serem estudados, foi feita a leitura integral do material visando identificar se o estudo apresenta impactos ocasionados pela pandemia na alfabetização dos estudantes, estratégias que apresentam bons resultados e quais desafios os docentes enfrentaram durante esse período.

A seguir é apresentada a Tabela 01: Análise dos textos, com as principais informações obtidas sobre os textos avaliados.

**Tabela 01: Análise dos textos**

Autor(es) / Ano	Título	Impactos na alfabetização ocasionados pela pandemia de covid-19	Estratégias com bons resultados	Desafios enfrentados
AURELIANO; QUEIROZ (2023)	As tecnologias digitais como recursos pedagógicos no ensino remoto: implicações na formação continuada e nas práticas docentes	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dispersão ou exitação dos sentidos pela audivisualidade presentes nos artefatos tecnológicos (p.12)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação continuada (p.11)</li> <li>• Busca por novos recursos (p. 11)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Distanciamento social (p. 10)</li> <li>• Falta de capacitação adequada fornecida pelo poder público para os professores (p.12)</li> <li>• Falta de acesso a recursos digitais (p. 13)</li> </ul>
SILVA; DINIZ; CRENITTE; COSTA (2022)	Procedimento <i>online</i> de incentivo à leitura em crianças com dificuldades escolares e seus responsáveis, durante a pandemia de COVID-19	Não apresenta.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formato totalmente online (p.6)</li> <li>• [...] flexibilidade na oferta de horários e a redução de custos para as famílias, como por exemplo com deslocamento físico (p.6)</li> <li>• Adaptação de acordo com os necessidade dos alunos (p.6)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acesso à internet e às tecnologias (p.6)</li> <li>• Dificuldade dos responsáveis em apresentar comportamentos facilitadores (p. 6)</li> </ul>
RIBEIRO; CELESTE; REIS (2023)	Funções neuropsicológicas de escolares na reabertura das escolas brasileiras na pandemia da Covid-19	<ul style="list-style-type: none"> <li>• [...] alta prevalência de crianças que apresentaram alerta ou déficit nas funções de orientação, memória, atenção, linguagem, habilidades visuoespaciais, habilidades aritméticas e fluência verbal (p.6).</li> </ul>	Não apresenta.	Não apresenta.

Fonte: Autora

Diante do exposto na tabela acima, podemos concluir que apenas um dos artigos analisados apresentou os três pontos que se pretendia encontrar, sendo ele o intitulado “As tecnologias digitais como recursos pedagógicos no ensino remoto: implicações na formação continuada e nas práticas docentes” sendo ele o único que foi produzido dentro da realidade de professores de salas regulares.

Os outros dois artigos apresentam uma abordagem prioritariamente clínica e talvez essa seja a causa por não apresentarem diretamente os impactos na alfabetização ocasionados pela pandemia de covid-19, no caso do estudo nomeado como “Procedimento online de incentivo à leitura em crianças com dificuldades escolares e seus responsáveis, durante a pandemia de COVID-19” e no caso da pesquisa intitulada por “Funções neuropsicológicas de escolares na reabertura das escolas brasileiras na pandemia da Covid-19” não apresentar estratégias com bons resultados e Desafios enfrentados.

Sobre os impactos na alfabetização, dois dos artigos apontam para dificuldades de atenção apresentadas pelos estudantes. Tendo em vista que a atenção é essencial para o processo de aprendizagem (Nardin; Sordi, 2008), entende-se, portanto, que estas crianças têm ou terão dificuldades em sua alfabetização.

Sobre as estratégias com bons resultados encontrados, observou-se que houve uma grande variedade nos resultados, não sendo nenhum deles citados em trabalhos diferentes. Isso demonstra que as perspectivas dos autores foram diferentes.

Sobre os desafios enfrentados, destaca-se o fato de ser citado em dois artigos a falta de acesso a recursos tecnológicos e internet. Apontado como a circunstância que delimita as oportunidades dos estudantes.

Não obstante, realizar pesquisas relacionadas com o ambiente educacional sempre aguçam nossos pensamentos, porque quanto mais se pesquisa, mais surgem novas hipóteses a serem verificadas. Abordar o assunto sobre as dificuldades do ensino de leitura e escrita no contexto pós-pandêmico é de suma importância, pois somente as pesquisas teóricas aliadas às investigações *in loco* possibilitarão mensurar os impactos que o isolamento social causou no processo de ensino-aprendizagem dos discentes.

Pelos pontos levantados ao longo do trabalho expostos, partimos do princípio que os processos de alfabetização e letramento, como processos múltiplos,

multifacetados são distintos para cada estudante. Esses processos não dependem unicamente do aluno, mas de todos que fazem parte do seu contexto social e escolar. A este respeito, Silva (2003, p.10) afirma que o espaço educativo se transforma em ambiente de superação de desafios pedagógicos que dinamiza e significa a aprendizagem, que passa a ser compreendida como construção de conhecimento e desenvolvimento de competências em vista de formação cidadã.

A socialização desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Quando os alunos interagem entre si e com os professores, eles têm a oportunidade de compartilhar conhecimentos, discutir ideias, resolver problemas em grupo e desenvolver habilidades sociais importantes, mesmo que de maneira inconsciente. Essa interação não só enriquece a experiência educacional, mas também facilita um ambiente onde o aprendizado pode ser mais significativo e colaborativo. Daí podemos observar o impacto a pandemia da covid 19 no prejuízo à rotina da vida escolar de alunos e professores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Covid-19 impactou consideravelmente a Educação e o panorama educacional neste período crítico de aprendizagem. Os dados demonstram um cenário complexo, onde a crise sanitária não só exacerbou os problemas existentes na educação, mas também proporcionou novos caminhos para a inovação pedagógica.

Em primeiro lugar, os estudos analisados mostram que a epidemia teve um efeito prejudicial significativo sobre os indivíduos alfabetizados. Aureliano e Queiroz (2023) pesquisaram com os desafios relacionados à formação docente e ao acesso a recursos digitais foram responsáveis por dificultar a qualidade do ensino durante o uso intensivo de tecnologias digitais no ensino remoto. O isolamento social e a insuficiência infraestrutural dificultaram a educação e a qualidade da educação foi prejudicada.

Silva, Diniz, Crenitte e Costa (2022), enfatizaram a redução de custos e a personalização dos cuidados através de procedimentos online flexíveis e adaptáveis, conseguiu mitigar alguns dos impactos negativos. A adaptabilidade às preferências dos alunos e o formato flexível ajudaram a manter a leitura e a promoção da leitura,

mas o acesso injusto à tecnologia e as dificuldades dos tutores em implementar comportamentos de facilitação ainda são barreiras significativas.

Ribeiro Celeste e Reis (2023) também encontraram um padrão perturbador de déficits de função neuropsicológica em crianças após a reabertura das escolas. O impacto é uma indicação clara de como a interrupção prolongada das atividades escolares presenciais tem um impacto negativo nos principais domínios de aprendizagem, como a atenção, a memória e a linguagem.

Os resultados mostram a importância de uma estratégia multifacetada para revitalizar e melhorar a educação. Para resolver os problemas identificados, devemos priorizar a formação de professores, a disponibilidade de ferramentas digitais e a adoção de medidas adaptativas. A epidemia enfatizou a necessidade de adaptação e inovação nos métodos de ensino para atender às diversas necessidades dos alunos e promover um sistema educativo mais inclusivo e resiliente.

Por fim, o conhecimento adquirido nesta época deve servir de guia para a construção de um sistema educacional mais eficaz. As lições aprendidas em políticas e práticas futuras são cruciais para garantir que a educação evolua para melhor lidar com as complexidades da pedagogia e os avanços da tecnologia. A resiliência e a adaptabilidade demonstradas durante a pandemia são indispensáveis para estabelecer um ambiente educativo propício que seja acessível, eficaz e acessível a todos os alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURELIANO, F. E. B. S.; QUEIROZ, D. E. de. As tecnologias digitais como recursos pedagógicos no ensino remoto: Implicações na formação continuada e nas práticas docentes. In **Educação em Revista** | Belo Horizonte|v.39|e39080|2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/PDVy8ythhFbqLrMj6YBfxsm/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 de ago de 2024.

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto alegre: Penso, 2017. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7722229/mod\\_resource/content/1/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7722229/mod_resource/content/1/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf) Acesso em: 13 de jun de 2024.

BARBOSA, J. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.277-326. [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2ª ed. —São Paulo Martins Fontes, 1997.

BRASIL. MEC (Ministério da Educação). **Portaria 343 de 17/03/2020** - Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376> Acesso em: 16 de ago de 2024.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu: Pensamento e Ação no Magistério**. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 1998.

CEFET-MG. Diretoria de Graduação (DIRGRAD). **Perguntas e respostas sobre o ensino remoto emergencial (ERE)**. Disponível em: <https://www.dirgrad.cefetmg.br/ensino-remoto-emergencial-ere/perguntas-e-respostas-sobre-o-ere>. Acesso em: 16 de ago de 2024.

FERREIRO, E. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez – 4ª edição, 2009.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas – 6ª edição, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas – 4ª edição, 2020.

SANTOS, M. A. R. dos; GODOY, R. M. M. de. O ensino remoto emergencial em tempos de covid-19. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 11, 29 de março de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/11/o-ensino-remoto-emergencial-em-tempos-de-covid-19>. Acesso em 16 de ago de 2024.

SCIELO. **Scientific Electronic Library Online**. Disponível em: <https://www.scielo.br/> Acesso em: 16 de ago de 2024.

SILVA, E. T. **Leitura**: trilogia pedagógica. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

SILVA, G. I.; DINIZ, G. CRENITTE, P. A. P.; COSTA, A. R. A. da. Procedimento online de incentivo à leitura em crianças com dificuldades escolares e seus responsáveis, durante a pandemia de COVID-19. In **CoDAS** 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/fkGBfNsMDDFCMXQmrQjDZCn/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 de ago de 2024.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. Ed.- Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2001.

SOUZA, E. M. **Problemas de aprendizagem – Crianças de 8 a 11 anos**. Bauru: EDUSC, 4ª edição, 2016.

RIBEIRO, M. R. de C. P.; CELESTE, L. C.; REIS, V. O. M. Funções europsicológicas de escolares na reabertura das escolas brasileiras na pandemia da Covid-19. In **CoDAS** 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/ryKtnNfNrXCfWC9BJq8jrrD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 de ago de 2024.

PACKER, A. L. et al. SciELO: uma metodologia para publicação eletrônica. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 109-121, maio/ago. 1998. Disponível em: <https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/PACKER-A.L.-et-al.-SciELO-uma-metodologia.pdf> Acesso em: 16 de ago de 2024.

PEREZ, C. L. V. Com lápis de cor e varinha de condão: um processo de aprendizagem da leitura e escrita. In: GARCIA, R. L. (org.) **Revisitando a pré-escola**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIAGET, J. **Seis estudos da psicologia** (25ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

NARDINI, M. H. de; SORDI, R. O. Aprendizagem da atenção: uma abertura à invenção. In **Revista Iberoamericana de Educación** (ISSN: 1681-5653). Disponível em: <https://rieoei.org/historico/deloslectores/2559Sordiv2.pdf> Acesso em: 16 de ago de 2024.

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado? 2004. In:

CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). **Práticas de Leitura e Escrita**. 1. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.